

*O Estado de São Paulo*  
*Segunda-feira, 29 de agosto de 2005*

## Queda de Anjos

MARCELO DE PAIVA ABREU

Nos tempos que correm, recomenda-se a leitura de *A Queda de um Anjo*, de Camilo Castelo Branco, romance pedagógico sobre a trajetória política e pessoal de Calisto Eloy de Barbuda, morgado da Agra de Freimas, deputado por Miranda. Além de notável sátira sobre a vida política portuguesa em meados do século 19, narra a convergência de um 'anjo' ultramontano aos usos e costumes lisboetas. Novos alfaiates, novos amores, Calisto Eloy perde-se nos braços da brasileira Iphygenia, bandeia-se para o partido governista, copia o estilo afrancesado dos seus antigos adversários políticos, é feito barão. O final, embora feliz, consagra sua falta de princípios na política. O romance poderia, com alguns ajustes, descrever a ação do tempo sobre muitos políticos brasileiros no passado recente.

Até meados de 2002, os objetivos do PT poderiam ser identificados como a redução das desigualdades sociais e a melhoria dos padrões éticos na condução da coisa pública. Tudo orlado por programa econômico esdrúxulo, sem compromisso com a estabilidade de preços, com intenções vagas de promover o desenvolvimento sustentado e ameaças de repúdio das dívidas interna e externa. Depois de pouco mais de dois anos e meio de governo, pouco resta de tudo isso. Para o mal e para o bem.

As revelações sobre os hábitos financeiros de boa parte do PT jogaram por terra as ilusões de que o partido pudesse ter papel relevante no avanço da ética na administração pública. As ilusões não pareciam vãs, já que, em diversas experiências nacionais, esse papel havia sido tradicionalmente assumido por partidos radicais no saneamento dos negócios públicos. No final do século 18, para citar o exemplo clássico, a vida política e financeira da Grã-Bretanha era marcada por práticas corruptas disseminadas, que iam desde eleições fraudulentas em burgos podres até a farta distribuição de sinecuras, preferências em contratos e venda de posições e comissões.

Em 1850, a situação se havia transformado radicalmente. O que se chamava Velha Corrupção - Old Corruption - havia desaparecido na esteira de reformas tanto políticas quanto de políticas públicas. Diante da agitação política dos reformistas radicais, os beneficiados preferiram entregar os anéis a perder os dedos. Papel similar cumpriu o Partido Comunista Italiano, a partir dos anos 1940, quando criou tradição de governo honesto nas cidades e províncias que controlava, contrastando com o arraigado fisiologismo da democracia cristã. No Brasil, contudo, o PT não tinha como modelo nem Cobbett, nem Togliatti, mas os corruptos tupiniquins cujas

práticas condenavam. Jogou assim pela janela a oportunidade de cumprir papel similar aos de partidos renovadores em outros países e seguramente levará décadas para reconstruir sua reputação.

Não param aí as dificuldades do PT. Sua falência no terreno das idéias é também clara. A partir do início de 2003, o governo mostrou na prática que a *Carta ao Povo Brasileiro*, de julho de 2002, era para valer e que havia escolhido dar continuidade à política econômica do segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso, em vista da inexistência de programa 'autêntico', minimamente crível e viável. Em meio à atual crise política, está sendo mais difícil aos diversos segmentos do partido manter alguma ambigüidade com relação ao programa econômico do governo. Recentemente, conhecido intelectual, patrício de Calisto Eloy, com afinidades históricas com o PT e renomado pela ligeireza com que trata assuntos econômicos, sentiu-se mais à vontade do que a maioria dos petistas para ser franco quanto ao que seria o programa a ser endossado, no futuro, pelo PT que se propõe autêntico. Em meio a elogios rasgados a Tarso Genro, 'um dos políticos de esquerda mais bem preparados do mundo', defendeu 'a demissão imediata da equipe econômica, redução do superávit e aumento do salário mínimo'. Uma versão radicalizada do que, volta e meia, circulava no Conselho de Desenvolvimento Econômico Social, uma das válvulas de escape criadas pelo governo para manter intelectuais e empresários orgânicos entretidos em soltar fogos de artifício, deixando em relativa paz os que queriam tratar seriamente dos assuntos de Estado.

Por outro lado, os intelectuais do PT começaram a romper o silêncio que se seguira à débâcle ética do partido. Seria o caso de esperar unânime desolação com a traição aos princípios partidários e, dos mais aguerridos, compromisso com a reabilitação e o resgate da dívida ética do partido com muitos de seus militantes e eleitores. Mas o que se viu? Ao povo sequioso de bom governo, folclórica Maria Antonieta, na falta de brioche, receitou reflexão sobre a polêmica Sartre-Merleau-Ponty. A incapacidade de autocrítica e a esterilidade intelectual são espantosas. O partido encontrou intelectuais orgânicos para escamotear o repúdio aos seus ideais éticos, e quem pensa diferente é etiquetado de ideólogo.

No frigidir dos ovos, o que resta como obra do governo petista, além de modesta ação social, são os resultados da política econômica. Excepcionais, no que diz respeito ao balanço de pagamentos, embora ajudados por condições externas favoráveis. Excelentes, quanto à redução da inflação, em meio às críticas dentro e fora do governo e enfrentando agora os efeitos da crise política. Quanto ao crescimento econômico, o desempenho, embora ainda modesto, é o melhor em duas décadas. É deste cabedal, e só deste, que o PT racional dispõe para disputar as eleições, com ou sem Lula. Mesmo que Tarso Genro pense diferente.

Marcelo de Paiva Abreu, doutor em Economia pela Universidade de Cambridge, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio